

PERCURSOS PARA UMA GEOGRAFIA BIXA E PRETA OU A GEOGRAFIA NO LIMITE ENTRE RAZÃO E TESÃO

Victor Dantas Siqueira Pequeno

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: victorpequenogeo@gmail.com

Resumo

Meu objetivo aqui é propor itinerários teórico-conceituais para quem, no Brasil, deseja pesquisar masculinidades dissidentes aliada(o) e engajada(o) com as Geografias Feministas e das Sexualidades. Tais itinerários me ajudam, também, a responder e/ou justificar as problemáticas que me conduziram a escrita, a saber: I) O tratamento analítico das masculinidades dissidentes na agenda de pesquisa geográfica brasileira carece de fundamentos conceituais e epistemológicos, e isso tem dificultado racializar àquelas; e II) As masculinidades dissidentes negras na agenda de pesquisa geográfica estão sob um vácuo teórico-metodológico. Isto em consideração, criei este manuscrito a partir do exercício da revisão narrativa e revisão de scoping. Para tanto, realizei antes uma busca bibliográfica e a revisão da literatura especializada (artigos, teses e dissertações). Assim, meus dados são todos qualitativos e o tratamento deles ocorreu com o exercício da análise de discurso. Conceitualmente, minha escrita está enraizada nos princípios e fundamentos oriundos das Geografias Feministas, dos Feminismos Negros e das teorias decoloniais. Ao fim, concebo a Bixa-Preta como corporeidade diaspórica para pensar geograficamente as encruzilhadas de gênero, sexualidade e classe que são racialmente definidas e suas repercussões assimétricas na composição, ocupação e ordenação dos espaços e lugares.

Palavras-chave: Raça; Gênero; Masculinidades Negras; Geografia Feminista; Geografia Corporificada.

PATHWAYS TO A BIXA AND BLACK GEOGRAPHY OR THE GEOGRAPHY ON THE LIMIT BETWEEN REASON AND HORNY

Abstract

My objective here is to propose theoretical and conceptual itineraries for those in Brazil who wish to research dissident masculinities allied and engaged with Feminist and Sexuality Geographies. These itineraries also help me to respond to and/or justify the problematics that led me to write, namely: I) The analytical treatment of dissident masculinities in the Brazilian geographical research agenda lacks conceptual and epistemological foundations, and this has made it difficult to racialise them; and II) Black dissident masculinities in the geographical research agenda are under a theoretical-methodological vacuum. This is consideration, I created this manuscript based on the exercise of narrative review and scoping review. To this end, I first conducted a bibliographic search and reviewed the specialised literature (papers, theses, and dissertations). This being so, my data are all qualitative and were treated using discourse analysis. Conceptually, my writing is rooted in the principles and foundations of Feminist Geographies, Black Feminisms and decolonial theories. Ultimately, I conceive of Bixa-Preta as a diasporic corporeality for thinking geographically about the racially defined intersections of gender, sexuality, and class and their asymmetrical repercussions on the composition, occupation, and ordering of spaces and places.

Keywords: Race; Gender; Black Masculinities; Feminist Geography; Embodied Geography.

RUTAS HACÍA UNA GEOGRAFÍA BIXA Y NEGRA O LA GEOGRAFÍA EN EL LÍMITE ENTRE LA RAZÓN O LA EXCITACIÓN

Resumen

Mi objetivo aquí es proponer itinerarios teórico-conceptuales para quienes, en Brasil, deseen investigar masculinidades disidentes aliadas y comprometidas con las geografías feministas y de las sexualidades. Estos itinerarios también me ayudan a responder y/o justificar las problemáticas que me llevaron a escribir, a saber: I) El tratamiento analítico de las masculinidades disidentes en la agenda de investigación geográfica brasileña carece de fundamentos conceptuales y epistemológicos, lo que ha dificultado su racialización; y II) Las masculinidades disidentes negras en la agenda de investigación geográfica se encuentran en un vacío teórico-metodológico. Esto en consideración, he creado este manuscrito a partir del ejercicio de la revisión narrativa y la revisión exploratoria. Para ello, realicé previamente una búsqueda bibliográfica y una revisión de la literatura especializada (artículos, tesis y disertaciones). Por lo tanto, todos mis datos son cualitativos y su tratamiento se llevó a cabo mediante el ejercicio del análisis del discurso. Conceptualmente, mi escritura se basa en los principios y fundamentos derivados de las geografías feministas, los feminismos negros y las teorías decoloniales. Al final, concibo a la Bixa-Preta como una corporeidad diaspórica para pensar geográficamente las encrucijadas de género, sexualidad y clase que están definidas racialmente y sus repercusiones asimétricas en la composición, ocupación y ordenación de los espacios y lugares.

Palabras-clave: Raza; Género; Masculinidades Negras; Geografía Feminista; Geografía Encarnada.

Introdução

Este não é um texto sobre como está a Geografia. Este é um texto que pronuncia críticas para uma Geografia que vem a tornar-se. Críticas na tentativa de fomentar o diálogo, de estimular o pensamento, de reavaliar aquilo que certificamos como tradição epistemológica, de repensar a noção vigente de rigor metodológico e, sobretudo, encorajar geógrafas e geógrafos para lubrificar suas escritas, ideias e argumentos por demais desidratados, a partir de um geografiar corporificado. E porque corporificado, generificado, racializado e sexuado.

Me disponho, na presente ocasião, a sugerir alguns percursos para que vocês, estudantes-pesquisadores, acompanhem meu raciocínio (e suas várias ramificações teórico-conceituais) e que possam, por si mesmos/as, realizar suas avaliações sobre o conteúdo-forma inscrito. Não somente. Para que se sintam à vontade para criarem percursos outros. E do que se tratam tais percursos?

Os percursos são aqui nomeados e qualificados como percursos interrogativos, percursos epistemológicos, percursos criativos e percursos alternativos. Todos foram elaborados numa tentativa de pensar, criticar e responder às seguintes problemáticas: I) O tratamento analítico das masculinidades dissidentes¹ na agenda de pesquisa geográfica

¹ No presente artigo entendo as masculinidades dissidentes como práticas, expressões e identidades de gênero e sexuais que diferem e contestam a norma vigente (Heterossexual e Cisgênero). Assim são exemplos de

brasileira carece de fundamentos conceituais e epistemológicos, e isso tem dificultado racializar àquelas; e II) As masculinidades dissidentes negras na agenda de pesquisa geográfica estão sob um vácuo teórico-metodológico.

No entremeio destas problemáticas, concebo a experiência Bixa-Preta como corporeidade diaspórica para pensar geograficamente as encruzilhadas de gênero, sexualidade e classe que são racialmente definidas e suas repercussões assimétricas na composição, ocupação e ordenação dos espaços e lugares. Bixa-Preta em maiúsculo e hifenizada para evidenciar que a minha, a sua, a nossa experiência de gênero e sexualidade são racialmente autodefinidas, logo, uma identidade política. Bixa-Preta em maiúsculo e hifenizada como um enfrentamento direto ao dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023)² e a colonialidade de gênero (Lugones, 2014)³ que, historicamente, confinou as corporeidades negras e não-brancas em imagens e representações (Collins, 2019 [1990]; Ribeiro, 2020) por demais fetichizante e desumanizante.

A base conceitual que sustenta e ampara todos os percursos propostos contém ramificações que conjugam e centralizam Geografias Feministas e das Sexualidades (Silva, 2010; Silva; Ornat, 2016; Costa, 2020), Geografias Corporificadas (Campos; Silva; Silva, 2019; Oliveira, 2021; Ramos; Milani, 2022), Feminismos Negros (Collins, 2019 [1990]; hooks, 2022 [2004]; Barreto, 2022b) e perspectivas decoloniais⁴ (Alcoff, 2016 [2011]; Veiga, 2018; Petronilio, 2020; Barreto, 2022a).

masculinidades dissidentes: homens gays, homens bichas/bixas, homens transgêneros, homens bissexuais e homens intersexo.

² Consiste num regime que legitima direitos, poderes e representações fundamentadas na diferença racial através da qual branco(a) é todo aquele(a) que não é racializado (indígenas, pretos, pardos, asiáticos etc.). Há, pois, uma dialética entre a positividade racial (brancos(as)) e a negatividade racial (não-brancos(as)) que institui e universaliza a diferença ontológica que afirma a humanidade do Eu (branco(a)) pela desumanização do outro (racializado) (Carneiro, 2023).

³ A colonialidade de gênero tem a ver com um regime que opera opressão de gênero, de classe e sexualidade imbricada com/na diferença racial. Logo, a crítica à colonialidade de gênero requer o trato das opressões como sendo racializadas. Opressões racializadas de gênero, classe e sexualidade sob o mando de um sistema-mundo capitalista, heterossexual e branco. Ademais, a crítica à colonialidade de gênero trata/situa o gênero como sendo uma prescrição colonial de modos e modelos normativos de ser/estar tendo como referência a diferença homem x mulher (Lugones, 2014).

⁴ Reconhecidas e respeitadas as distinções gramaticais, etimológicas e, sobretudo, conceituais, que envolvem e definem os usos e citações dos termos e/ou categorias a saber, pós-colonial, anticolonial, decolonial e/ou decolonial, me atenho aqui a esta última. Meu entendimento de perspectivas e/ou epistemologias decoloniais tem como base-fundamento as ideias sugeridas pela pesquisadora-filósofa panamenha Linda Alcoff (2016 [2011]). Entendo por decolonial um projeto de reestruturação e redefinição da razão e da racionalidade científico-político-cultural, não mais como um direito e/ou propriedade de um único sujeito, não mais como qualidade de uma única identidade, não mais restrito a uma única localidade. Em vez disso tudo, o projeto de decolonizar a razão e racionalidade garante a criação de conhecimentos por diversos sujeitos, de diversas culturas e, sobretudo, de diversas localidades, visto que os locais que ocupamos nos implicam na autoridade e

Metodologicamente, criei este manuscrito a partir do exercício da revisão narrativa e scoping (Ribeiro, 2014). Para tanto, realizei antes uma busca bibliográfica no Scielo, Google Acadêmico e no sítio eletrônico da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) em janeiro de 2025 (os critérios de seleção das Teses e Dissertações, por exemplo, são justificados na seção ‘Percursos Criativos’) no intuito de verificar e revisar a literatura especializada (Flick, 2013). Dessa forma, meus dados são todos qualitativos e o tratamento de tais dados ocorreu com o exercício da análise discurso segundo o entendimento de Eni Orlandi (2005), para quem qualquer gesto de descrição é dependente de uma interpretação. Assim, ao envolver-me com o referente teórico e/ou discursivo, interfiro imediatamente no mesmo, deslocando-me da posição de leitor para analista-teorizador. Ao final, no limite entre a razão e tesão, inspiro-me na poética da encruzilhada (Petronilio, 2020) e na geopoética infernal (Tavares; Oliveira, 2022) para registrar, de modo orgulhoso, algumas heresias antes não nomeadas.

Percursos interrogativos ou as masculinidades negras em questão

Na aurora dos anos 2000, Osmundo Pinho nos perguntava: qual é a identidade do homem negro? Joilson Marques Júnior, em meados de 2011, foi mais além ao nos questionar: como é viver sobre a identidade de negro gay? Já em 2015, Alan Ribeiro indagava o seguinte: dividendos patriarcais são recebidos do mesmo modo por todos os sujeitos que vivenciam masculinidades racializadas?

Avanço temporalmente. Deparei-me, em circunstâncias pandêmicas, com as interrogações de Walter Rodrigues (2020), Milton Ribeiro (2020) e Adeir Barreto (2022a). O primeiro, me provocou a refletir a respeito de: como operam as narrativas que circulam nos discursos em relação ao corpo negro masculino e que parecem instaladas no imaginário coletivo? O segundo pesquisador, por sua vez, me revirou do avesso com seu texto que, dentre as questões levantadas, a principal: como a mídia e as ciências articulam saberes (e controle) sobre o homem negro brasileiro? E finalmente, Adeir Barreto me convidou a pensar acerca de: quais as imagens que são construídas em torno da masculinidade negra?

Em meio a travessia do mestrado, tais perguntas foram complexificadas a partir de experiências pessoais, por isso, corporificadas. Experiências de pele com pele. Face a face. Desejo. Tensão. Raiva. Tesão. Enfim, experiências situadas em tempos-espacos específicos

na parcialidade, e em razão destas implicações, o projeto decolonial reclama de nós (a todo momento) a responsabilidade político-epistemológica.

que me fizeram questionar juntamente com Lucas Veiga (2018): que lugar para a Bixa-Preta na economia do desejo? Experiências de gozo e constrangimento que foram compreendidas como sendo assim, a partir do que Tiago Duque (2019) interrogou: para que se ri da Bixa-Preta, efeminada e pobre? Experiências de inadequação e autodepreciação que foram nomeadas a partir do que o Paulo Petronilio (2020) já havia indagado a respeito: na geopolítica falocêntrica do conhecimento, qual o valor do *cunhecimento* da Bixa-Preta? Experiências de rejeição e solidão que tem sido motivo de autorreflexão constante, com uma tentativa de responder a dúvida colocada em debate por Fábio Cordeiro (2023): Eu, Bixa-Preta, sou digno de afeto?

Pois bem, como me posicionar em meio a tantas questões? Como posicionar as Geografias, com as quais eu me engajo diariamente, nas questões destacadas? Posicionar-me no sentido proposto por Donna Haraway (1995) para então criar conhecimentos parciais e localizados em espaço, tempo, cultura, economia, política etc.? Posicionar-me na margem, no limite e, tornar isso fonte teórico-metodológica para elaborar um pensamento fronteiriço como sugere Walter Mignolo (2017)? Ou, em vez disso, posicionar-me como um falante selvagem e um escritor atrevido, e honrar aquilo que Gloria Anzaldúa (2000; 2009) e tantas companheiras racializadas fizeram? Ou ainda, posicionar-me como um sujeito que experimenta e, ao experimentar, escreve uma escrita da experiência, melhor, uma escrevivência tal qual a que foi gestada e nomeada por Conceição Evaristo (2020)?

Nunca fui tão obediente. Nunca fui tão disciplinado. Para mim é cômodo usar isso como justificativa para dizer que: vou posicionar-me de todos os jeitos possíveis e cabíveis. Porque, além de desobediente e indisciplinado, me considero (permita-me o uso da expressão em tom poético) um sujeito sem partido científico (ainda que eu me sinta realizado com a formação em Geografia). Indefinido, se preferir.

Não raro, escuto elogios do tipo “*Você escreve muito bem, sinal de que lê muito, todavia você precisa dialogar mais com o campo em que se insere*”. Sei que quando falam algo assim, a intenção é genuína para o meu aprimoramento, no entanto, me causa ansiedades constantes. Confesso. É como se eu estivesse vivendo sempre sob a condição do quase. Aquilo que escrevo é quase geográfico. Aquilo que debato é quase uma Geografia Feminista. Aquilo que eu questiono é quase uma Geografia das Sexualidades. Aquilo que eu problematizo é quase uma Geografia Negra ou uma Geografia Decolonial.

Enquanto escrevia tais confissões, me veio à mente: tornar a sensação do quase um posicionamento teórico-metodológico, um gesto criativo e de rasura. Assim, irei expor, nas seções adiante, quase-alternativas e quase-soluções tendo em vista duas problemáticas:

I) O tratamento analítico das masculinidades na agenda de pesquisa geográfica brasileira, precisamente, a de base feminista, carece de fundamentos conceituais e epistemológicos, e isso tem dificultado racializar àquelas. Por isso, não é equivocado afirmar que...

II) As masculinidades negras na agenda de pesquisa geográfica feminista estão sob um vácuo teórico-metodológico.

Antes, é necessário que eu te situe de onde e a partir de quem estou escrevendo.

Percursos epistemológicos ou a quem pertence o Feminismo?

Desde que a geógrafa Rosa Rossini (1998) certificou que a Geografia brasileira não dá conta de discutir trabalho, terra e família sem considerar gênero e mulher como fundamentos analíticos... desde que a geógrafa Susana Veleda Silva (1998) respondeu à questão “Geografia Feminista o que é isto?”... desde que a geógrafa Joseli Maria Silva (2003) criticou a invisibilidade da agência feminina na organização e na produção do espaço brasileiro perpetuada pelo não aceite de gênero como categoria de análise geográfica... a Geografia brasileira nunca mais foi a mesma. Isso porque, a atuação dessas geógrafas, individual ou coletivamente, causou, sem surpresas, pânico moral no salão ocupado por uma Geografia brasileira sem gênero e assexuada.

Desde que o geógrafo Miguel Angelo Ribeiro (1998) atestou que os valores, usos e/ou funções de um(s) território(s) são sexualmente negociadas e/ou disputadas... desde que o geógrafo Benhur Costa (2007) verificou e anunciou que as experiências e identidades homoeróticas masculinas são (sempre) mediadas corpo-espacialmente e (micro)territorialmente... desde que o geógrafo Marcio Ornat (2011) travestilizou a discussão conceitual de espaço e território... e desde que Alex Ratts (2011) pronunciou que, experiências espaciais de gênero e sexualidades são (sempre) racialmente definidas... a Geografia brasileira nunca mais foi a mesma. Isso porque, a atuação desses geógrafos, individual ou coletivamente, colocou em xeque a figura/imagem do “Geógrafo”. O sujeito Geógrafo universal que era, até então, homem, branco, politicamente correto, de classe média-alta (ou que ascendeu para), e sempre, sempre cisgênero e heterossexual.

De lá para cá, o acúmulo de mais de trinta anos de estudos, publicações, conferências etc., vide o esforço dessas companheiras e companheiros, consolidaram e legitimaram as Geografias Feministas e as Geografias das Sexualidades no Brasil e, no entremeio dessas, ocorreu a germinação do eixo e/ou área temática aqui nomeada como “Geografias das Masculinidades”.

No tocante às implicações pessoais/existenciais que fazem das Geografias das Masculinidades um possível campo e/ou círculo de participação e atuação político-científica, sobretudo, por parte de homens pesquisadores, Joseli Silva e Marcio Ornat (2011) constataram que, a maioria delas são de caráter afetivo-sexual e socioeconômico. De modo que:

[...] Alguns homens apontam a indignação que sentem frente à desigualdade que sofrem as mulheres. Outros revelam um sentimento de injustiça sofrida nas mãos de outros homens, como a opressão por orientação sexual. Há aqueles que apontam um sentimento de culpabilidade dos privilégios que têm consciência de desfrutar como homens, e outros, ainda, apontam o horror frente à capacidade de violência dos homens [...] (Silva; Ornat, 2011, p. 34).

Das pautas e demandas que se tornam raízes das/nas Geografias das Masculinidades, são bastante enfatizadas aquelas que decorrem das diferenças entre os próprios homens e as que são de ordem institucional. Com isso, é problematizado a falácia de que “todos os homens são iguais” e por assim serem devem ser tratados (ou penalizados) igualmente, quando na verdade, as particularidades culturais, políticas e econômicas que agem sobre uma forma/formação socioespacial são relacionais e relacionáveis com as diferenças de gênero (homem x mulher), de raça (homem branco x homem negro), de sexualidade (homem heterossexual x homem homossexual), de classe (homem rico x homem empobrecido) etc. Isso se torna perceptível nas geometrias de poder⁵ (Massey, 2024 [2007]) que nos ajudam a realizar a leitura dessas hierarquizações que estabelecem tipos de homens e modelos de masculinidades valorizados segundo o espaço-tempo em que ocupam.

As expressões contraditórias do poder entre homens a partir de interações de classe, orientação sexual, etnicidade e outros fatores, revelam a relação entre sociedade e vivência concreta individual dos homens. O trabalho

⁵ As geometrias de poder ocorrem e concorrem a um espaço social. Espaço social que se realiza na política, e por ser político é mediado/constituído de poder. Poder qual é sempre relacional, e por ser relacional é múltiplo em formas, direções e agências. Logo, todo e qualquer poder é, em simultaneidade, social e geograficamente definido (Massey, 2024 [2007]).

genérico da sociedade se individualiza, portanto, nas formas de interação e nas vivências individuais. No fazer-se homem, a sociedade brutaliza os sujeitos da mesma forma como o sistema social lhes atribui o poder. Assim, **a ordem de gênero, instituída não oprime apenas as mulheres, mas também os homens, que, para manterem o poder como homens, oprimem tanto as mulheres como outros homens**, e inclusive a si mesmos (Silva; Ornat, 2011, p. 33-34, grifos meus).

São justamente as opressões de gênero que fazem com que alguns homens busquem alternativas para a transformação da consciência individual e coletiva quando organizados entre si em redes de acolhimento e ativismo social. Assim, quando homens se mostram interessados em refletir cientificamente e/ou politizar suas experiências de vida a partir de fundamentos e princípios feministas, antirracistas e decoloniais, a escuta atenta deve ser praticada.

Contudo, cabe ressaltar que o interesse com as perspectivas feministas, antirracistas e decoloniais, por parte de homens pesquisadores, pode ser interpretado (por algumas pessoas e grupos) como uma conveniência política ou oportunismo. Como se estivéssemos invadindo um campo epistemológico que não nos pertence. Principalmente, quando nos aproximamos das leituras e concepções feministas. E, de fato, o movimento feminista (acadêmico ou não) não nos pertence. Não pertence a ninguém. Mas sim, há pesquisadoras(es) e grupos que pensam e defendem o contrário.

Há, por exemplo, Feminismos que concebem a mulher cisgênero e heterossexual como a única sujeita histórica representante do movimento (Butler, 2003 [1990]). Há Feminismos excludentes que não acolhem as experiências e necessidades das mulheres transgêneros e travestis (Bagagli, 2021; Cyrino, 2023). Há Feminismos excludentes que não acolhem as experiências e necessidade de mulheres lésbicas e de demais identidades sexuais dissidentes. E há Feminismos excludentes que não acolhem as experiências de homens e nem reconhecem as violências sexuais e de gênero que afetam homens (Sparemberger, 2024). Eu não sou aliado de nenhum desses e discordo totalmente de seus princípios e éticas.

Comungo, em vez disso, os princípios e as éticas oriundas dos Feminismos *queer* que sugerem que a revolução feminista se torna mais possível com a destruição do gênero enquanto marcador classificatório e hierarquizante das experiências de vida. Em outras palavras, acredito que:

[...] é tempo de empreender uma crítica radical, que busque libertar a teoria feminista da necessidade de constituir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade ou anti-identidade

que o feminismo invariavelmente exclui. [...] isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político (Butler, 2003 [1990], p. 23).

Para além disso, minha corporeidade negra e a minha situação/posição enquanto pesquisador racializado e Bixa-Preta, implica-me teórico-politicamente com os Feminismos Negros e, afetivamente, com as companheiras negras feministas, com as quais eu aprendo diariamente que: “Homens negros podem se engajar e aprender com estratégias de autorrecuperação de mulheres negras saudáveis que amam a si mesmas [...]” (hooks, 2022 [2004], p. 236). Por isso, inclusive, eu acredito ser possível a (re)construção de uma masculinidade negra feminista.

Não uma masculinidade negra feminista encerrada em si mesma e reificada como um modelo ideal a ser seguido, mas como uma confluência de experiências espaciais-políticas de gênero, também sexuais, afetivas, de desejo, gozo, enfim, como “um projeto de construção histórica, social e política, não apenas por parte do movimento feminista negro” (Barreto, 2022b, p. 15). Tendo sempre como horizonte o seguinte aprendizado:

[...] A emancipação política do povo negro da diáspora passa pela completa subversão da mentalidade colonial, e para tal, não há como fazer esse processo pela metade, não basta a libertação da mulher negra, ou a luta pelo fim do genocídio negro, por exemplo, a libertação do povo negro passa pela emancipação e de[s]colonização completa do homem negro e da mulher negra (Barreto, 2022b, p. 15).

Pois bem, será que esses princípios e/ou éticas comparecem nas Geografias Feministas criadas no Brasil? Há, nas Geografias Feministas brasileiras, debates sobre homens e com homens? Há sujeitos homens aliados científico-politicamente com as Geografias Feministas? Quando verificamos os estudos sobre masculinidades na Geografia brasileira, quais presenças são identificadas e quais as ausências são nomeadas (ou não)?

Essas são as perguntas-guias que me direcionaram na escrita da seção seguinte. Já adianto que não há conclusões, visto que, como destacado anteriormente, meu interesse com o manuscrito é sugerir quase-alternativas e quase-soluções. Avancemos, pois.

Percursos criativos ou homens e masculinidades na Geografia brasileira

Passado mais de vinte e cinco anos desde que a geógrafa Susana Veleza da Silva (1998) apontou os alicerces temáticos nos quais as Geografias Feministas viriam se firmar;

passados mais de quinze anos desde a publicação da primeira tese de Geografia sobre masculinidades dissidentes sexuais elaborada pelo geógrafo Benhur Costa (2007); passados mais de dez anos desde a publicação do primeiro livro de Geografia sobre masculinidades (Silva; Ornat; Chimin Jr, 2011), urge a seguinte tarefa: verificar os avanços, as fragilidades e teórico-metodológicas e ausências (de grupos, pessoas, afetos etc.) existentes nas pesquisas geográficas sobre masculinidades dissidentes, mais precisamente, nas teses e dissertações.

Reconhecida tal urgência, me dediquei a um exercício. Um exercício de busca de bibliografias especializadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), realizado em janeiro de 2025. Identifiquei sete dissertações⁶ e quatro teses⁷ de Geografia acerca das experiências masculinas e/ou masculinidades. A busca e o refinamento dos dados bibliográficos ocorreu da seguinte maneira: I) Acesso ao sítio eletrônico da BDTD; II) No campo “Pesquise por teses e dissertações” foram adicionados os descritores, a saber: “Geografia e Masculinidades”, “Geografia e Homens”, “Geografia e Meninos”, “Geografia e Garotos”, “Geografia e Gays”, “Geografia e Bixas”, “Geografia e Homens Negros” e “Geografia e Gays Negros”; III) Para cada par de descritores foi feita uma busca avançada restrita a disciplina Geografia.

Os critérios adotados para a seleção das pesquisas encontradas foram: I) Título ou subtítulo com os termos: ‘Homens’, ‘Masculinidades’, ‘Transmasculinidades’, ‘Homossexualidade’, ‘Bixas’ e/ou ‘Gays’; e II) Resumo com alguma das palavras-chave: ‘Homens’, ‘Masculinidades’, ‘Transmasculinidades’, ‘Homossexualidade’, ‘Bixas’ e/ou ‘Gays’.

A quantidade de pesquisas selecionadas tem a ver com o recorte temporal. Organizei a busca das teses e dissertações a um intervalo de seis anos, a saber, 2016-2022 (dois mil e dezesseis a dois mil e vinte e dois), período este definido pela conjuntura de crise política e educacional brasileira, vide acordos e projetos executados durante o Governo Temer (2016-2018) e Governo Bolsonaro (2019-2022), em destaque para a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018 que teve, dentre as prerrogativas, a exclusão de temas e conteúdos relacionados às questões de gênero e sexualidade sob justificativa da ameaça da “Ideologia de Gênero” à nação (Schibelinski, 2020), e que foi propagada por partidos políticos contrários às pautas de Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão Social.

⁶ As dissertações selecionadas foram de William Hanke (2016), de Edipo Goergen (2017), de Rodrigo Rossi (2017), de Raony Carneiro (2018), da Ana Paula Vasconcelos (2018), de Diego Nunes (2019) e de Dimas Gontarek (2020).

⁷ As teses selecionadas foram de Rodrigo Rossi (2017), de Fernando Gomes (2018), da Adelaine Santos (2020) e de Gabriel Souza (2020).

Para não tornar a presente seção um compilado de citações diretas e/ou de exaustivas descrições dos principais resultados das pesquisas selecionadas, acredito ser mais pertinente reunir as confluências e apontar as limitações dos respectivos estudos. Pois bem...

No percurso criativo de/para uma Geografia preocupada com o cotidiano urbano que é mediado e mediador das experiências de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens, destaco as pesquisas de Wiliam Hanke (2016) e da Ana Paula Vasconcelos (2018) por fornecerem chaves de leitura fundamentais para pensar o homoerotismo masculino urbano. O primeiro reacende um debate que, na Geografia brasileira, foi precedido por Benhur Costa (2007), autor da primeira tese de Geografia sobre homoerotismo masculino. No caso do trabalho de Wiliam Hanke (2016), a originalidade é identificada nos procedimentos metodológicos adotados, em especial, a criação e aplicação de *Relief Maps*⁸ com os sujeitos participantes da pesquisa empírica, e a inserção do conceito de interseccionalidade⁹ para analisar, sobretudo, como as diferenças geracionais, de classe e religiosidade influenciam nas relações homoeróticas masculinas constituídas em Ponta Grossa – PR.

Ana Paula Vasconcelos (2018), por sua vez, concebeu uma pesquisa geográfica que reorientou, ou melhor, subverteu a partir dos referenciais feministas (Silva, 2009), alguns pressupostos herdados da teoria geográfica urbana clássica sobre a noção e função de centro e centralidade. Em termos de originalidade, a netnografia¹⁰ como procedimento metodológico possibilitou a observação (ora participante e ora não-participante) e o engajamento da geógrafa com o outro lado de Fortaleza: a capital cearense dos homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens; o centro da capital cearense ocupado por cinemões, estes valorizados como territórios (de)marcados e reivindicados

⁸ Desenvolvidos pela geógrafa espanhola Maria Rodó-de-Zárate. Podem ser compreendidos tanto como ‘mapas de alívio’ quanto ‘mapas de relevo’. Dentre as funções/utilidades dos Relief Maps: “[...] a representação de estruturas de poder, que se refere às relações sociais, às experiências dos sujeitos vinculadas à sua disposição psicológica e ainda os espaços de sua vivência [...]” (Hanke, 2016, p. 91).

⁹ Constructo teórico-metodológico gestado nos Feministas Negros do Norte e do Sul globais, tendo entre as suas intérpretes, a jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw (2002). No modelo didático elaborado por Crenshaw, consta que, as mulheres negras vivem condicionadas (e subordinadas) a ruas/rodovias que atravessam suas experiências enquanto sujeitas de direitos. Ruas/rodovias que representam as violências materiais e simbólicas (misoginia, feminicídio, violência de gênero, assédios, desigualdade salarial etc.) que se cruzam com a avenida principal: o racismo.

¹⁰ Várias são as definições de netnografia. Márcio Noveli (2010), por exemplo, nos diz que a netnografia, inicialmente, foi tratada como um fazer descritivo de uma cultura online sob os pressupostos da Antropologia Cultural. Posteriormente, a netnografia foi concebida como uma metodologia qualitativa viável para investigar, descrever e caracterizar os comportamentos de pessoas e grupos enquanto consumidores, participantes de comunidades virtuais, salas de bate papo online, fóruns, redes sociais etc.

como espaços de sociabilidade, construção de laços e fortalecimento de vínculos de identidade e pertencimento dissidente, não-normativo; o centro de Fortaleza usado ao dia por homens que não somente se dedicam a cumprir o horário comercial e as demandas do capital vigente, mas sim, o centro usado ao dia para o encontro, para o desejo, prazer e gozo entre homens.

No percurso criativo de/para uma Geografia preocupada com a criminalidade e a violência que incidem sobre a vida e morte de homens (adultos e jovens) em situações de vulnerabilidade, são basilares as pesquisas de Rodrigo Rossi (2017) e Fernando Gomes (2018). Ambos trataram a criminalidade e a violência urbana não como problemas de responsabilidade individual, mas como produto e produção de uma ordem estrutural que maximiza as desigualdades socioeconômicas, espaciais e políticas e que, tais desigualdades são experienciadas de modos variados quando relacionadas com as diferenças de gênero e sexualidade. Assim, a criminalidade e a violência urbana que media a vida e a morte de homens, apresenta efeitos e consequências absolutamente distintas da criminalidade e da violência urbana que media a vida e morte de mulheres e, por isso, deve ser tratada segundo seus próprios marcadores. Não somente de gênero. Também as marcas de classe, de geração e grau educacional como problematizado nas pesquisas destacadas.

Um percurso criativo por demais original e inovador, no que tange às tendências temático-conceituais das Geografias Feministas no Brasil, tem a ver com o debate das vidas trans, neste caso, das experiências transmasculinas que foram motivo de reflexão para Adelaine Santos (2020). Original por ser a primeira tese de Geografia dedicada a analisar geograficamente as experiências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior. Inovador por conceber uma leitura geográfica acerca da Educação Superior que vai além do visível e/ou do esperado que é tratar a evasão e/ou a permanência na Universidade como uma responsabilidade individual, quando não, um problema em razão da má gestão e distribuição de recursos.

O que Adelaine Santos (2020) verificou foi que, ingressar e permanecer na Universidade é um privilégio concedido para poucas pessoas. Não tem a ver com CPF ou CEP somente. Tem a ver com o corpo. Tem a ver com identidade de gênero. Qual é o corpo que mais ingressa e permanece na Universidade brasileira? Definitivamente não é o corpo trans. Qual é o gênero que mais ingressa e permanece na Universidade brasileira? Definitivamente não é o homem trans. A Universidade brasileira foi criada por pessoas cisgêneros e para pessoas cisgêneros. De modo que, a presença de corpo transmasculino (ou

transfeminino, não binário etc.) não é legível para/no estatuto que rege tal instituição e por assim ser, é um corpo que não importa (Butler, 2019 [1993]).

Já no percurso criativo de/para uma Geografia preocupada com os sentidos de lugar e casa e com a politização das relações assimétricas de gênero que ocorrem no espaço doméstico, Dimas Gontarek (2020) nos ajuda na compreensão dos condicionantes e/ou disparadores para tais experiências. No horizonte da crítica que coloca em xeque a narrativa do Eu que tudo pode e se não pode, é o único culpado, Dimas Gontarek (2020) tornou os fundamentos feministas como lente geográfica para discutir o espaço que por muito tempo a própria ciência geográfica se recusou a ver (em detrimento do espaço público): o espaço privado. Para além disso, tratou a violência doméstica não como obra de responsabilidade exclusiva do autor, neste caso, homens, mas como obra que repercute sistematicamente na sociedade vigente que é orientada por um *ethos* de justiça social (fundada no punitivismo e encarceramento em massa) por demais questionável.

Em outras palavras, Dimas Gontarek (2020) avaliou a violência doméstica praticada por homens como questão de saúde pública. Saúde em seu sentido amplo: afetivo, educacional, material e, sobretudo, político. A violência doméstica não é um problema dos homens (em sentido individualizado que fique registrado). A violência doméstica beneficia homens, na medida que estes, numa sociedade androcêntrica, punem e encarceram outros homens. Violência doméstica não tem a ver com papel e/ou comportamento de gênero, tem a ver com disputa por poder. E numa sociedade que insiste em hierarquizar homens e inferiorizar mulheres, o poder não é questão de força. É questão de saber (Foucault, 1979).

Por fim, outro percurso criativo é o da Geografia engajada tanto com as culturas ditas tradicionais quanto com as culturas contemporâneas, especialmente, as que se estabelecem via redes sociais e/ou mídias digitais. No âmbito do debate geográfico acerca das masculinidades, a pesquisa de Edipo Goergen (2017) contempla e muito a Geografia engajada com a cultura tradicional por ter colocado em pauta (e com reconhecido ineditismo) as vivências de homens gays envolvidos e atuantes no Movimento Tradicionalista Gaúcho. Diego Nunes (2019), por sua vez, escreveu uma Geografia aliada com as culturas contemporâneas, ao tratar com originalidade as experiências de homens que fazem uso de aplicativos e redes sociais para criar vínculos e/ou relações afetivo-sexuais com outros homens.

Estas são as confluências teórico-conceituais e metodológicas que eu qualifiquei como percursos criativos. Criativos porque reinventam uma Geografia para pensar as

masculinidades, suas diferenças (sexuais, geracionais, educacionais, de classe, de origem etc.), seus valores e sentidos que são tempo-espacialmente definidos. Mas será que estas mesmas pesquisas contêm fragilidades? Ou melhor, quais seriam as ausências de cada pesquisa? Ou de todas as pesquisas? Decerto há várias, mas a que mais me inquieta é a ausência da raça. A ausência da masculinidade racializada.

Em todas as pesquisas selecionadas não se nomeia o homem negro, nem o gay negro e muito menos a Bixa-Preta. Na maior parte das pesquisas selecionadas, a ausência de raça é justificada como algo que “*não foi falado/mencionado em/durante o campo*”. De modo que, quando falada/mencionada, a raça é, na maioria das pesquisas, um dado a ser descrito ou contabilizado, ao invés de um fator estruturante a ser problematizado.

Mas afinal, ser/estar homem é o mesmo que ser/estar homem branco? Ser/estar homem é o mesmo que ser/estar homem negro? Ser/estar gay é o mesmo que ser/estar gay negro? Ou ainda, ser/estar gay é o mesmo que ser/estar Bixa-Preta? Estou convencido que não. E é com tal inquietude e perante a ausência das masculinidades racializadas na Geografia brasileira que, sugiro aqui um percurso alternativo autorreferenciado e autodefinido mediado pela experiência Bixa-Preta. Corporeidade diaspórica para pensar geograficamente. Para geografar.

Percursos alternativos ou a Bixa-Preta como corporeidade diaspórica para pensar geograficamente

Antes de tudo, é necessário o reconhecimento de que, autodeclarar-se Bixa-Preta “[...] é um ato extremamente político e de reivindicação de um espaço-corpo que lhe foi compulsoriamente imposto como marginal, escandaloso, extremo [...]” (Pagnan, 2020, p. 169). Segundamente, é importante explicar o que entendo por “corporeidade diaspórica”. Corporeidade diaspórica é aqui significada como aquela subjetividade que carrega consigo a ferida colonial (Jesus, 2022) não cicatrizada: o racismo. Corporeidade diaspórica por ter feito e sobrevivido à travessia num passado atlântico, passado este que segue existindo como modernidade (Gilroy, 2001). Corporeidade diaspórica marcada pelo racismo e subalternizada dada as suas condições geracionais, físicas, materiais e afetivo-sexuais. Sendo assim, não somente a Bixa-Preta é uma corporeidade diaspórica¹¹.

¹¹ Destaco também que a diáspora, pela lente dos Feminismos Negros, pode ser compreendida como um conceito que reconhece e nomeia: “[...] as experiências de pessoas que, em razão da escravidão, do colonialismo, do imperialismo e da imigração, foram forçadas a deixar sua terra natal [...] um referencial diaspórico sugere

A mulher negra jovem é uma corporeidade diaspórica. A mulher negra idosa é uma corporeidade diaspórica. A mulher negra empobrecida é uma corporeidade diaspórica. A mulher negra não heterossexual é uma corporeidade diaspórica. A mulher negra transgênero é uma corporeidade diaspórica. O homem negro jovem é uma corporeidade diaspórica. O homem negro idoso é uma corporeidade diaspórica. O homem negro empobrecido é uma corporeidade diaspórica. O homem negro não heterossexual é uma corporeidade diaspórica. O homem negro transgênero é uma corporeidade diaspórica. Assim estabelecido, vou me ater a corporeidade diaspórica Bixa-Preta.

Mais que isso. Vou inscrever, nomear e celebrar uma corporeidade diaspórica autodefinida e autorreferenciada: Eu, Bixa-Preta. Não como um exercício narcísico (ainda que haja geógrafos e geógrafas que nos acusam de sermos “pessoais demais”, “subjetivos demais”, “militantes demais” etc.), longe disso. Mas, como uma tática de desobediência e subversão (Przybysz; Silva, 2019; Simon, 2021; Milani, 2024) para com a noção de rigor metodológico que impera na ciência geográfica e que, tem a ver com a obrigatoriedade do distanciamento entre pesquisador e objeto, a fim de elaborar/produzir um conhecimento e/ou uma análise geográfica “séria” e “objetiva”. Pois bem, contrariando a tradição do campo, defendo uma abordagem metodológica na Geografia que começa no corpo, é feita com corpo e, às vezes, é sobre corpo. Portanto, uma Geografia Corporificada que:

[...] reconhece nessas corporeidades o simbólico, o representacional, o afetivo, as sexualidades, os gêneros e as estéticas e rompe, de forma sempre relativa, com a ideia de massificação dos corpos. São geografias que dão centralidade ao sujeito ativo, perceptivo, e não apenas construtivo, mas constitutivo, que **produz espaços e ao mesmo tempo os leva em seus corpos por meio das memórias, identidades**, comportamentos e práticas espaciais (Ramos; Milani, 2022, p. 14-15, grifos meus).

No nosso caso, Bixas-Pretas, as memórias que marcam nosso corpo revivem a diáspora. Por isso, corporeidade diaspórica. No nosso caso, Bixas-Pretas, a identidade seria uma questão de luta, visto que, por muito tempo, não tivemos o direito de nos autodefinirmos. Historicamente, fomos capturados(as) pelo dispositivo da racialidade (Carneiro, 2023) que, ao operar imagens e representações (Collins, 2019 [1990]; Ribeiro, 2020), inventaram e impuseram para nós, identidades abjetas, eficazes para provocar repulsa, medo e ódio por parte daqueles e daquelas que sempre foram visíveis e legíveis como pessoas

uma dispersão desde a África para as sociedades do Caribe, da América do Sul, da América do Norte e da Europa [...]” (Collins, 2019 [1990], p. 73).

e, por isso, eleitos(as) beneficiários(as) do contrato racial (Mills, 2023 [1997]), enquanto nós, no entanto, fomos designados(as) como subpessoas: “[...] entidades humanoides que, em decorrência de fenótipo/genealogia/cultura racial, não são totalmente humanas e, portanto, têm uma agenda diferente e inferior de direitos e liberdades que a elas se aplicam” (Mills, 2023 [1997], p. 96).

Numa estrutura cultural-econômico-política historicamente erguida e sustentada as custas da dominação, escravização, fetichização, animalização e subalternização de pessoas racializadas, qualificadas e hierarquizadas segundo os signos/significantes de “Negros(as)”, “Pretos(as)”, “Mulatos(as)”, “Pardos(as)” e variantes, o negro gay e/ou a Bixa-Preta não é visível, não é legível e muito menos desejável. E, por assim ser, não goza do estatuto e nem do status de humanidade. Isso porque, o negro gay e/ou a Bixa-Preta, ao ser percebido como ou ao se declarar como sendo tais identidades, perde os passaportes que lhe garante e/ou concede a passagem ontológica, a saber: os passaportes da raça e da sexualidade.

Decorre daí, a acusação de traições do negro gay ou da Bixa-Preta com seus “pares”. De um lado, por ser nomeado ou se declarar como negro gay ou Bixa-Preta, é acusado de trair a sua raça (Veiga, 2018). Por outro, negro gay ou Bixa-Preta é aquele que traiu a heterossexualidade negra (Marques Júnior, 2011). Essas traições implicam consequências psicossociais, culturais, político-econômicas e, sobretudo, espaciais, visto que a negatividade racial e sexual atribuída ao gay negro ou a Bixa-Preta resulta, também, numa negatividade espacial. Não há um lugar para o gay negro e a Bixa-Preta. Não há um lugar do gay negro ou da Bixa-Preta (Marques Júnior, 2011; Veiga, 2018).

É como se fosse a experiência do vácuo espacial. E é a partir deste vácuo que se perpetua aquilo que considero como sendo vácuo político-econômico. Vejamos. Ao passo que, historicamente, homens negros heterossexuais têm sido tratados corpos-máquinas do capitalismo racial (Vergès, 2020), ou melhor, na medida em que a funcionalidade de um corpo negro (heterossexual e cisgênero) é gerar riqueza/lucro para a elite branca (seja via força de trabalho, seja via reprodução), a corporeidade Bixa-Preta seria como uma ameaça de falha para o sistema vigente. Afinal, a Bixa-Preta é concebida, a priori, como um emasculado, um efeminado (Ribeiro, 2020), logo, sua força de trabalho é questionável. Do mesmo modo, a Bixa-Preta não reproduz mais classe trabalhadora, logo, é improdutivo “biologicamente”. Bixa-Preta seria assim um corpo que não importa (Butler, 2019 [1993]). E por não importar, não é visível espacialmente, não é legível politicamente e não é definível epistemologicamente.

Diante de toda essa problemática, como posicionar a Geografia? Ou melhor, como pensar geograficamente a corporeidade Bixa-Preta? Estou convencido de que a encruzilhada seria um percurso alternativo relevante. A encruzilhada como percurso espacial e construto conceitual. Encruzilhada para pronunciar uma poética geográfica corporificada e racializada semelhante àquela que foi concebida por Paulo Petronilio (2020) e que celebra o:

[...] caos que desestabiliza o cânone e contraria o logos, branco e normativo. Mais que isso: é uma poética da existência e da resistência negra e gay. É a poética da encruzilhada que desafia os limites, que provoca o desconforto, o deslizamento, o entre lugar, o deslocamento, o trânsito. É uma poética da margem que desafia toda e qualquer visão eurocêntrica e normativa (Petronilio, 2020, p. 102).

Para além disso, a encruzilhada qualificada como: “[...] um complexo agenciamento político, ético e estético” (Petronilio, 2020, p. 106). Implica, portanto, em espaços mediados pela (i)materialidade cultural-simbólica. Mais que isso. Em espaços mediados por corporeidades, gerações, racialidades, gêneros, sexualidades etc. Assim, enquanto espaço, a encruzilhada o é nas/pelas diferenças. Por conseguinte, na encruzilhada de pensamentos-acontecimentos, das subjetividades e das vozes, a Bixa-Preta, em devir, se autodefine.

[...] É lá [na encruzilhada] que a Bixa Preta poderá ter a liberdade de ser simplesmente o que se é. Bixa Preta não são duas palavras. Trata-se de um modo de vida, de um agenciamento, de um dispositivo complexo que, a um só tempo, desterritorializa e reterritorializa a identidade, a sexualidade, o gênero e a raça. Por isso a Bixa Preta vai sempre incomodar, pois ela não pertence ao padrão hegemônico e compulsório do qual a masculinidade branca faz parte [...] (Petronilio, 2020, p. 106).

Na Geografia brasileira, encontrei rastros que me conduziram à encruzilhada da Bixa-Preta. Com o professor Alex Ratts (2011) e seu percurso teórico-conceitual acerca da obra de James Baldwin para pensar geopoeticamente espaço, gênero, raça e sexualidade, na medida em que significou o quarto enquanto espacialidade do encontro, do desejo em segredo, de segurança e alívio (ainda que momentâneo), enfim, da (re)existência do amor homoerótico. Com o geógrafo André Tavares e a geógrafa Anita Oliveira (2022), (re)conheci o inferno inventado e imposto como destino para nós, Bixas-Pretas, e que, por muito tempo, nos fizeram sentir: “[...] na zona da atração, o ponto de intersecção, o reflexo da negação e a promessa da realização” (Manguebixa, 2022, p. 67). Nesse mesmo inferno, me tornei diabo de mim mesmo. Desci ao fundo, e entre as chamadas do normativismo sexual e de gênero

dancei e cantei como fizera a Bixa-Preta Lil Nas X¹² na tentativa de geografar que: *‘I’m not fazed, only here to sin’*¹³.

Considerações finais

Realizado todos os percursos, aqui chegamos. Para não encerrar, em vez disso, estimular e provocar a continuidade do debate, especialmente nas Geografias Feministas e das Sexualidades, me parece pertinente reiterar que:

I) A discussão sobre masculinidades dissidentes negras tem ficado em segundo plano nas agendas de pesquisas de geógrafas e geógrafos engajadas(os) com as questões de gênero, sexualidade e classe. Aparentemente, a homosociabilidade masculina, os privilégios garantidos aos homens no sistema cis-hétero-patriarcal e as relações e/ou conflitos entre masculinidades “hegemônicas” *versus* masculinidades “subordinadas” (Connell, 2003 [1995]) são mais interessantes e urgentes do ponto de vista da transformação socioespacial quando esta é pensada pela ótica feminista-geográfica.

II) Se considerarmos que, a maioria das autorias mencionadas que estudam masculinidades dissidentes na Geografia se autodeclaram brancos/as, podemos compreender (em parte) o porquê delas não se dedicarem à investigação dos efeitos da raça e da negritude no agenciamento das masculinidades e das sexualidades dissidentes: a ética da parcialidade e do conhecimento situado. Só pesquisamos aquilo que nos afeta.

Isso não significa que somente as pessoas negras, neste caso, homens negros, estejam autorizados(as) para pensar geograficamente suas experiências e como tais repercutem nos espaços e lugares. O compromisso de racializar o pensamento geográfico, em especial, o debate acerca das masculinidades dissidentes é (sempre) coletivo. Por isso, inclusive, elaborei os percursos não como modelos teórico-metodológicos a serem reproduzidos, mas, possibilidades de letramento feminista-racial crítico para reinventar modos de geografar.

¹² Alusão ao clipe de ‘MONTERO (Call by Your Name)’ do rapper e compositor estadunidense de nome artístico Lil Nas X. Na primeira parte do clipe assistimos uma personagem no que seria o Jardim do Éden. Na parte que finaliza o clipe, assistimos a descida da personagem ao inferno. Numa entrevista concedida da revista TIME, o cantor relatou que o clipe foi criado em resposta as opressões que atingem a comunidade LGBTQI+, sobretudo, em cotidianos e espaços ordenados pela religião. “Eu cresci em um tipo bastante religioso de casa – e para mim, era muito baseado no medo”, disse o artista. “[...] Eu quero que as crianças cresçam sentindo esses sentimentos, sabendo que fazem parte da comunidade LGBTQI+, se sintam bem e não precisam se odiar [Tradução livre]”.

¹³ Verso da canção ‘MONTERO (Call By Your Name)’ com composição de David Biral, Denzel Baptiste, Omer Fedi, Montero Hill e Roy Lenzo. Tradução livre: “Eu não estou intimidado, só estou aqui para pecar”.

Por fim, permita-me mais uma desobediência. Vou registrar algumas heresias para honrar os conhecimentos e saberes com os quais nutri-me... os (des)afetos com quem construí... as encruzilhadas por onde estive...

Me tornei Bixa-Preta na Universidade. Me tornei Bixa-Preta fazendo travessias como aquelas descritas por Lucas Veiga. Me tornei Bixa-Preta em Campo Grande - MS. Me tornei Bixa-Preta ao amar com Paulo. Me tornei Bixa-Preta em Havana. Me tornei Bixa-Preta ao amar com Juan. Me tornei Bixa-Preta em Santa Maria – RS. Me tornei Bixa-Preta com a amizade de Layana e Daniele. Me tornei Bixa-Preta fodendo com homens brancos. Me tornei Bixa-Preta em São Paulo – SP. Me tornei Bixa-Preta com a amizade de Luciele. Me tornei Bixa-Preta desejando o Eduardo. Me tornei Bixa-Preta com os aprendizados de bell hooks. Me tornei Bixa-Preta me alimentando dos textos de Paulo Petronilio. Me tornei Bixa-Preta encorajado com a deboche de Megg Oliveira. Me tornei Bixa-Preta ao endiabrar-me com André Tavares e Anita Oliveira. Me tornei Bixa-Preta com o acolhimento de Alex Ratts e Benhur Costa. Me tornei Bixa-Preta inspirando-me na escrita de Conceição Evaristo. Me tornei Bixa-Preta com a Geografia. Agora, é a vez da Geografia tornar-se Bixa e Preta.

Referências

- ALCOFF, L. Uma epistemologia para uma próxima revolução. **Revista Sociedade e Estado, Brasília**, v. 31, p. 129-143, 2016 [2011].
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução de Édna de Marco. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ANZALDÚA, G. Como domar uma língua selvagem. Tradução de Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 39, p. 305-317, 2009.
- BAGAGLI, B. P. Abordando estereótipos de gênero e cisgeneridade: entre a subversão e resistência nos discursos transfeministas e feministas radicais trans-excludentes. **Leitura**, Maceió, n. 69, p. 55-68, 2021. DOI: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.202169.55-68>
- BALDWIN, J. **O quarto de Giovanni**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2018 [1956].
- BARRETO, A. de O. Masculinidade negra e a colonização: ecos do passado no presente. **Kwanissa**, São Luís, v. 5, n. 12, p. 183-198, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.18764/2595-1033v5n12.2022.9>
- BARRETO, A. de O. Masculinidade negra em debate: é possível pensar uma masculinidade negra feminista? **Revista de História – UFBA**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 1-15, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.9771/rhufba.v10i2.52362>
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

BUTLER, J. **Corpos que importam:** Os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 Edições, 2019 [1993].

CAMPOS, M. P.; SILVA, J. M.; SILVA, E. A. Emoção corporificada e potência para constituição de espaços de luta para superar a violência sexual sofrida por mulheres. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3, n. 41, p. 37–50, 2019.

CARNEIRO, R. T. **Eles não moram, se escondem, não dormem, viram a noite:** vivências espaciais de homens que transformam a rua em casa na cidade de Ponta Grossa, Paraná. 152f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Exatas e Naturais, Ponta Grossa, 2018.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade:** A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019 [1990].

CONNELL, R. W. **Masculinidades.** Traducción de Irene Ma. Artigas. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003 [1995].

CORDEIRO, F. de C. Eu sou digna de afeto? A construção da afetividade de Bichas Pretas: da educação infantil às redes sociais. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, Curitiba, v. 16, n. Edição Especial, p. 594-619, 2023.

COSTA, B. P. **Por uma Geografia do cotidiano:** território, cultura e homoerotismo na cidade. 362f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

COSTA, B. P. As geografias das constituições dos devires-expressivos das pessoas como diferenças: perspectivas da análise nas pesquisas em microterritorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 42, v. 2, p. 90-114, 2020.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171–188, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

CYRINO, R. A deriva transfóbica do feminismo radical dos anos 1970. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 39, n. 79, p. 1-30, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-87752023000100007>

DUQUE, T. Quem ainda ri da bicha preta, efeminada e pobre? Funk, (re)conhecimento e direitos LGBT em tempos de pânico moral. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 21, n. 4, p. 889-907, 2019.

EVARISTO, C. A escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivência:** a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 27-45.

FERREIRA, A. de J. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, Curitiba, v. 6, n. 14, p. 236–263, 2014.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa:** um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 13 ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GILROY, P. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.

GOERGEN, E. D. dos R. **Homossexualidades na territorialidade tradicionalista gaúcha**. 201p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Santa Maria, 2017.

GOMES, F. B. **Necropolíticas espaciais e a instituição de masculinidades de jovens homens envolvidos na violência homicida na cidade de Ponta Grossa, Paraná**. 299f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Exatas e Naturais, Ponta Grossa, 2018.

GONTAREK, D. D. **Honra, paixão e sangue: a constituição relacional do espaço doméstico e masculinidades violentas envolvidas em violência doméstica na cidade de Ponta Grossa, Paraná**. 146f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Exatas e Naturais, Ponta Grossa, 2020.

HANKE, W. **Espaço, interseccionalidades e vivência gay na cidade de Ponta Grossa, Paraná**. 227f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Exatas e Naturais, Ponta Grossa, 2016.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução de Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.
hooks, b. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022 [2004].

JESUS, A. de S. **Notas sobre a atualidade da ferida colonial**. Recife: Titivillus Editora, 2022.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. Tradução de Juliana Watson e Tatiana Nascimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>

MANGUEBIXA, T. Sentimentos do mundo em cartografia sentimental para o fim do mundo//Notas de um bixa preta sertaneja. **Revista Poiésis**, Niterói, v. 23, n. 40, p. 66-71, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/poiesis.v23i40.54905>

MARQUES JÚNIOR, J. S. Notas sobre um itinerário bibliográfico: onde estão os homossexuais negros? **Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 183-194, 2011. DOI: <https://doi.org/10.12957/rep.2011.2941>

MASSEY, D. Geometrias do poder e a conceitualização do espaço. Tradução de André Pasti. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 237-246, 2024 [2007]. DOI: <https://doi.org/10.54446/bcg.v14i1.3563>

MIGNOLO, W. **Desafios coloniais hoje**. Tradução de Marcos Jesus de Oliveira. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MILANI, P. H. Geografia e gênero: uma desobediência no campo geográfico? **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 63, p. 32-65, 2024. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2024.3666

MILLS, C. W. **O contrato racial**. Tradução de Teófilo Reis e Breno Santos. Rio de Janeiro: Zahar, 2023 [1997].

NOVELI, M. Do off-line para o online: a Netnografia como método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a internet? **Organizações em Contexto**, ano 6, n. 12, p. 107-133, 2010.

NUNES, D. M. **A produção das masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder em Rio Grande - RS**. 185f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, 2019.

OLIVEIRA, A. L. Corpo, espacialidade e maternagem: Trilhas para uma geografia corporificada. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 17, n. 32, p. 217-243, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i32.12472>

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**. Campinas: Editora Pontes, 2005.

ORNAT, M. J. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil**. 279f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

PAGNAN, R. Espaço, gênero e identidade: a onipresença da masculinidade e a revolução das bixas transviadas. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 13, p. 156-174, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i13.35209>

PEREIRA, A. L.; LACERDA, S. S. P. de. Letramento racial crítico: uma narrativa autobiográfica. **Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 3, p. 90-106, 2019.

PETRONILIO, P. “Se liga macho”: A encruzilhada po(Ética) de uma bixa preta. **Ephemera Journal**, Ouro Preto, v. 3, n. 6, p. 94-114, 2020.

PINHO, O. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**, n. 22, p. 64-69, 2004.

PRZYBYSZ, J.; SILVA, J. M. Pesquisar para transgredir: fazendo geografias feministas corporificadas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3, n. 41, p. 51-62, 2019.

RAMOS, É. C. M.; MILANI, P. H. O corpo fora de lugar: de uma Geografia dos indivíduos para uma Geografia dos sujeitos. **GEOgraphia**, Niterói, v. 24, n. 52, p. 1-18, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i52.a51617>

RATTS, A. Negritude, masculinidade, homoerotismo e espacialidade em James Baldwin: uma leitura brasileira. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Orgs.). **Espaço, Gênero & Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 225-260.

RIBEIRO, A. A. M. Homens negros, Negro homem: sob a perspectiva do feminismo negro. **REIA – Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, Recife, v. 2, n. 2, p. 52-75, 2015.

RIBEIRO, J. L. País. Revisão de investigação e evidência científica. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 15, n. 3, p. 674-682, 2014.

RIBEIRO, M. A. Prostituição de rua e turismo: a busca do prazer na cidade do Rio de Janeiro. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 53-65, 1998. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.1998.48989>

RIBEIRO, M. “Eu decido se ‘cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong’: homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 25, 118-134, 2020.

RODRIGUES, W. H. de S. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do homem negro. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 267-284, 2020.

ROSSI, R. **Espacialidade carcerária e a instituição de masculinidades entre homens jovens egressos em Ponta Grossa, Paraná**. 381f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Exatas e Naturais, Ponta Grossa, 2017.

ROSSINI, R. E. As Geografias da modernidade – Geografia e Gênero – Mulher, trabalho e família: o exemplo da área de Ribeirão Preto – SP. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo n. 12, p. 7-26, 1998. 2025. DOI: <https://doi.org/10.7154/RDG.1998.0012.0001>

SANTOS, A. E. C. dos. **Vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior do Sul do Brasil e a multiplicidade espacial**. 283f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Exatas e Naturais, Ponta Grossa, 2020.

SCHIBELINSKI, D. “Isso é coisa do capeta!”: o papel da “ideologia de gênero” no atual projeto político de poder. **Retratos da Escola**, v. 14, n. 28, p. 15–38, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22420/rde.v14i28.1131>

SILVA, J. M. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

SILVA, J. M. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, J. M. Geografias Feministas, Sexualidades e Corporalidades: Desafios às práticas investigativas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 37–54, 2010.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Espaços e múltiplas masculinidades: um desafio para o conhecimento científico geográfico brasileiro. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Orgs.). **Espaço, Gênero & Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 23-53.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Corporeidade: sexualidades no mercado sexual transnacional sob o olhar eurocêntrico. **Geosp – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 69-82, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2016.98302>

SILVA, S. M. V. Geografia e gênero/Geografia feminista - O que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 104-110, 1998.

SIMON, C. R. Feminicídio epistemológico: práticas misóginas na Geografia. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 57, p. 166-189, 2021. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2021.2289

SOUZA, G. de L. **Na praia, na montanha, sob a luz do luar ou em algum lugar além do arco-íris: perspectivas geográficas acerca das espacialidades homossexuais masculinas representadas nos filmes Praia do Futuro, Brokeback Mountain e Moonlight**. 224f. Tese (Doutorado em Geografia) - Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, 2021.

SPAREMBERGER, C. O feminismo radical em questão: uma sistematização das perspectivas do feminismo radical da segunda onda do movimento feminista estadunidense (1968-1975). **Revista Feminismos**, Salvador, v. 12, n. 2, p. 1-23, 2024. DOI: <https://doi.org/10.9771/rf.12.2.50751>

TAVARES, A. L. B.; OLIVEIRA, A. L. De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse. **Revista Continentes**, Seropédica, v. 11, n. 21, p. 182-200, 2022. DOI: <https://doi.org/10.51308/continentes.v1i21.349>

VASCONCELOS, A. P. N. **Os cinemões como espaços de tensionamento à ordem hegemônica da sexualidade na produção do espaço urbano de Fortaleza-CE**. 135f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Fortaleza, 2018.

VEIGA, L. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v12i1.5176>

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento do projeto, ao qual se encontra vinculada esta pesquisa.

Submetido em: outubro de 2025.

Aceito em: maio de 2026.